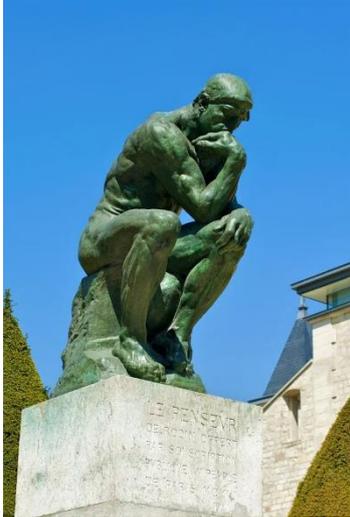


FILOSOFIA DA MENTE – ASPECTOS DO DUALISMO CARTESIANO E O MONISMO MATERIALISTA



1904

“O que pensa o meu pensador é que ele pensa não só com o cérebro, com as sobrancelhas, as narinas distendidas e os lábios comprimidos, mas com cada músculo de seus braços, costas e pernas, com o punho cerrado e o aperto dos dedos do pé.”¹

– Auguste Rodin - *O Pensador*, detalhe da *Porta do Inferno*,

A nudez do Pensador, lembrando os clássicos gregos, exprime a sua dimensão estética e material, bela, mas a posição reflexiva indica uma mente que pensa, que faz conjecturas para além da realidade física, ausente de seu ambiente, elevando-se acima da matéria para entrar no domínio da alma, em busca de alguma resposta no seu próprio interior. Todavia, o seu físico, a sua postura expressa dúvida, sentimento e preocupação. Esses dois lados mostrados nessa belíssima escultura é onde está assentada a dúvida cartesiana.

René Descartes (1596/1650) vai justamente discorrer sua teoria sobre o **Dualismo** corpo e espírito como duas instancias diferentes e irreduzíveis entre si. Esta é a grande discussão, que perdura até hoje sem solução, e que iniciou na antiguidade grega com Platão quando instala os mundos ideal e sensitivo.

O dualismo cartesiano inicia com a proposta de como usar a razão para evitar o equívoco, o engano e chegar a conceitos claros e distintos, evitando preceitos e preconceitos. Evitar as falácias e as dúvidas que existem em todos os setores do conhecimento incluindo a filosofia, pois está o tempo todo em disputas e debates a procura da verdade, este é o objetivo principal de Descartes. São necessários fundamentos

¹ <https://arteeartistas.com.br/o-pensador-escultura-de-auguste-rodin/>

firmes e sólidos para atingir essa meta. É aí que o filósofo resolve deixar de procurar a verdade em outras ciências e inicia a busca em si mesmo, numa reflexão profunda sobre o mundo que o rodeia e ele próprio. Busca na razão validada pela matemática, os recursos para obter a certeza do que existe. Embora, desde jovem tivesse interesse na ciência, Descartes não considerava que somente elas fossem o suficiente para se ter um conhecimento fundamentado e geral. A sua própria árvore do conhecimento, com o tronco representando a física, estava sustentada em raízes metafísicas. Percorre a Europa em viagens e **experiências sensíveis** que não dão a ele nenhuma certeza já que os sentidos se enganam e produzem mais dúvidas;

“Tudo que recebi, até presentemente, como o mais verdadeiro e seguro, aprendi-o dos sentidos ou pelos sentidos: ora, experimentei algumas vezes que esses sentidos eram enganosos, e é de prudência nunca se fiar inteiramente em quem já nos enganou uma vez.”²

Analisa o **sonho e a vigília**, colocando a impossibilidade de distinguir entre os dois e saber qual produz a verdade, pois o que aparece neles não é nítido e não corresponde à realidade;

“[...] lembro-me de ter sido muitas vezes enganado, quando dormia [...] E, detendo-me neste pensamento, vejo tão manifestamente que não há quaisquer indícios concludentes, nem marcas assaz certas por onde se possa distinguir nitidamente a vigília do sono [...]”³

Pressupõe um **Gênio Maligno ou o deus Enganador** (dúvida metafísica) que causa enganos na mente através de induções não apropriadas, tais como nas operações matemáticas que podem parecer verdadeiras, claras e distintas, mas estou sendo iludido a pensar assim.

“[...] pode ocorrer que Deus tenha desejado que eu me engane todas as vezes em que faço a adição de dois mais três, ou em que enumero

² CRC, *Filosofia da Mente*, U1 - René Descartes e Seus Críticos: Um Debate Acerca da Natureza da Mente, pg. 39

³ Idem

os lados de um quadrado, ou quando julgo alguma coisa ainda mais fácil, se é que se pode imaginar algo mais fácil do que isso.”⁴

Dessa forma, Descartes lança a mão dessas hipóteses argumentativas para melhor esclarecer o problema da dúvida e a obtenção de conhecimento fundamentado inteiramente na razão, pois a dúvida levada ao extremo favorece a aquisição de conhecimento claro e distinto, pois o que acreditava ser verdadeiro até então torna-se objeto de dúvida.

Entretanto, o ato de duvidar é permanente e lhe dá a certeza, em suas meditações, o levam a concluir que **“Se duvido, penso, portanto existo”** culminando em sua frase genial **“Penso, logo existo”** – *Cogito ergo sum – res cogitans*. O desdobramento natural dessa frase é metafísico e resume-se em **“sou uma coisa pensante”**

“Eu sou, eu existo; isto é certo; mas por quanto tempo? A saber, por todo tempo em que penso... nada sou, pois, falando precisamente, se não uma coisa que pensa, isto é, um espírito, um entendimento ou uma razão...”⁵

Mas, segundo os críticos de Descartes, seria preciso definir os termos pensamento e existência. Para o filósofo dualista essa explicação seria desnecessária uma vez que para a construção do conhecimento ele não era importante e não se poderia reduzir a identidade lógica à uma substância material uma vez que é a consciência que assegura o conhecimento. Esse raciocínio mostra a prioridade da alma sobre o corpo no que concerne ao saber.

“A análise do conhecimento natural que tenho de mim mesmo mostra que esse conhecimento é insustentável diante das razões de duvidar. Nenhum atributo corpóreo pode legitimamente fazer parte do conhecimento que busco em relação a mim mesmo.”⁶

⁴ idem

⁵ CRC, *Filosofia da Mente*, U1 - René Descartes e Seus Críticos: Um Debate Acerca da Natureza da Mente, pg. 40

⁶ LEOPOLDO E SILVA, F., *Descartes, a metafísica da modernidade*, Coleção Logos, Ed. Moderna, 5ª edição, 1993, pg. 55

Embora a natureza e função principal do pensamento seja pensar simplesmente, essa essência precisa de um corpo para se manifestar entre os seres viventes. A esse corpo Descartes dará o nome de – *res extensa*, separando o subjetivo do objetivo, a matéria do pensamento, criando um abismo entre os dois que perdura até hoje – o dualismo cartesiano.

Entretanto, o homem tem inclinação natural de pensar que tudo aquilo que se apresenta a ele de forma concreta e objetiva, isto é, com os contornos próprios da imagem e da matéria deveria ser entendido como certos e claros porque são dotados de nitidez e deveriam ter precedência sobre aquilo que não se pode ver que é o pensamento. E é exatamente o contrário que Descartes tenta provar que o pensamento que não aparece à imaginação tem precedência e maior clareza intelectual.

Esse raciocínio cartesiano provoca uma ruptura séria entre o material e o mental. Definidos como substâncias, pensamento e extensão coexistem no homem pela dualidade corpo/alma. Portanto, o homem é um ser duplo, possui massa, extensão no espaço e movimento, sujeito às leis deterministas da natureza. Por outro lado, possui uma mente que não está localizada, mas realiza diversas funções como recordar, conhecer, querer e não se submete às leis da física. É pura liberdade.

Mas, logo surgiria a pergunta: como essas duas substâncias irreduzíveis, espírito e corpo, interagem entre si, sendo que Descartes não nega a relação causal entre elas. Sendo o primeiro filósofo a trazer o problema corpo/mente para a discussão filosófica, não negando o corpo que tem todas as reações de dor e prazer, mas que a maneira de sentir depende da interação dos dois princípios, causando confusão no pensamento.

Ao contrário do dualismo surge outra corrente de pensamento – o **Monismo**, termo que na filosofia estaria no campo da metafísica, pois afirma que a essência da realidade está fundamentada em um único e original princípio que daria a origem de todas as coisas que existem. O **monismo ontológico** se refere a uma substância metafísica que afirma que tudo que existe é formado por esse princípio imaterial. O **monismo materialista** acredita que a realidade se reduz em um composto de átomos que são organizados de diversas maneiras, gerando a diversidade. O **monismo espiritualista** é o oposto, afirmando que tudo o que nós percebemos tem origem em uma única substância espiritual. E neste ponto que o debate se inicia: a relação entre o físico e o mental.

Enquanto Platão, Descartes e outros filósofos colocavam o homem como sendo uma dualidade – corpo e alma separados um do outro – sendo que a alma tinha a soberania sobre o corpo, outros filósofos mais contemporâneos pensam de maneira contrária, ou seja, uma compreensão materialista eliminativista da natureza humana.

Dentre esses pensadores, um dos primeiros foi **Julien Offray De La Mettrie** (1709-1751), médico e filósofo francês do período Iluminista e cujo interesse materialista estava em afirmar que o cérebro poderia dar respostas às dúvidas a respeito da natureza humana, opondo-se ao pensamento cartesiano que colocava a *res cogitans* em destaque para se adquirir conhecimento. Para De La Mettrie, a mente é uma propriedade/faculdade do cérebro ao passo que para Descartes era a marca do obreiro (espírito) na obra. O germe do materialismo lamettriano rompe com o dualismo cartesiano.

“[...] o pensamento é tão pouco incompatível com a matéria organizada, que ele parece ser uma de suas propriedades, ao lado da eletricidade, da faculdade de movimento e da impenetrabilidade.”⁷

Em 1748, De La Mettrie introduz o conceito mecanicista do ser humano em seu ensaio “O Homem-Máquina”, analisando tanto o seu próprio corpo como também sua própria alma através de observação e experiência, chegando à conclusão de que o corpo humano é uma máquina que funciona mecanicamente. Ele afirma nessa pesquisa: “*O Homem não é feito de uma argila mais preciosa; a Natureza usou somente uma e a mesma massa, na qual ela somente variou a levedura.*”⁸ Assim, a ideia do ser humano transformado ou conceituado com um artefato mecânico subverte a autonomia do espírito e da consciência, e põe em dúvida, conseqüentemente, a própria existência divina. Na contramão, para Descartes, o *cogito* só pode ser percebido em si mesmo e não em outro lugar. O pensamento só pode ser percebido pelo pensamento, pela *res cogitans*. Não há possibilidade de ser admitido pela *res extensa*.

A pesquisa lamettriana conclui que o corpo precisa de alimento para se manter forte, ou seja, se não se alimenta a alma enfraquece e perde a vitalidade, ou seja, a alma,

⁷ CRC, Filosofia da Mente, U1 - René Descartes e Seus Críticos: Um Debate Acerca da Natureza da Mente, pg. 42

⁸ https://pt.wikipedia.org/wiki/Julien_Offray_de_La_Mettrie

se existe, está submetida à matéria. A redução materialista da alma por La Mettrie permite-lhe comparar o homem a um corpo-máquina em que a própria máquina programa a vida do corpo: "*Cada indivíduo desempenha seu papel na vida que foi determinado pelos mecanismos propulsores da máquina (capacitada de raciocínio), que não foi construída pelo próprio indivíduo.*"⁹ Dessa forma, os seres humanos se tornam sistemas mecânicos autodeterminantes.

Como Descartes que se propõe a ver se os animais possuem ou não uma forma de pensamento ou alma que estipule suas ações, também De La Mettrie faz um estudo empírico observacional da natureza tomando o homem como ponto de partida a quem ele compara à estrutura do animal uma vez que ambos estão submetidos às mesmas leis de geração e corrupção. Seu ponto principal está no tamanho e na organização do cérebro donde tira as seguintes conclusões: o cérebro é menor quanto maior for a agressividade do animal e que esse órgão pode aumentar com a docilidade e, segundo a natureza, quanto mais dócil for mais o espírito ganha e mais o instinto perde. Descartes, por sua vez, analisará, no Discurso do Método, as ações industriosas orientadas pela razão e a linguagem, concluindo que os animais não possuem almas.

Para De La Mettrie, os animais não são muito diferentes dos homens, pois tanto o comportamento de um quanto do outro são resultados de uma organização cerebral. Isso tira a inteligência da equação como responsável das ações do homem. Mas, quando o homem desenvolve a linguagem e a domina, por um processo mecânico do cérebro e de educação, ele se torna superior e diferente do animal.

O mecanismo da educação se baseia por regras específicas que produzem um conhecimento através da geração de tarefas que são repetidas e passadas para frente, sempre seguindo a mesma ordem mecânica anterior, num processo indefinido de continuidade. Nesse mesmo raciocínio, sendo um processo mecânico, De La Mettrie sugere que os animais, **um dia**, poderão aprender e dominar a linguagem.

O cérebro possui disposições organizadas que capacitam o homem a adquirir conhecimento e tornar-se sábio e virtuoso. Para que isso se concretize, essas disposições devem ser trabalhadas com excelência pela instrução regrada e assim se tornar um bem. A organização cerebral é um mérito, ou seja, alguns podem ser melhor beneficiados, e a fonte de tudo o mais, sendo a instrução consequência dessa organização. O espírito cartesiano não toma parte no processo do conhecimento lamettriano. "[...]todas as

⁹ idem

faculdades da alma dependem a tal ponto da organização do cérebro e de todo o corpo que estas se confundem visivelmente com a organização da mesma.”¹⁰

Concluindo, De La Mettrie é um materialista monista que sustenta o cérebro como causador e organizador de todas as atividades humanas, necessitando de estudos mais esclarecedores para que essa hipótese se confirme.

Veremos agora outro filósofo da mente, **Hilary Putnam** (1926/2016) que desenvolve o funcionalismo computacional, sendo o iniciador dessa teoria, explicando que ela consiste no estudo de processos mentais que se tornam estruturas funcionais que se formam em um organismo frente a um estímulo de entrada e saída, obtendo uma resposta. Para sua teoria, o computador é o elemento principal por funcionar uma estrutura de *input* (entrada) e *output* (saída), sendo que essa mesma estrutura tanto funciona em um cérebro humano quanto em uma máquina que possa processar informações de estímulo e resposta.

Partindo dessa ideia, o filósofo americano estabelece que o pensamento pode existir a partir de estruturas funcionais abstratas comparando-o com o *software* (mente ou abstrato) de um computador. Portanto, o pensamento, para existir, não precisa de um aparato físico-biológico (cérebro) semelhante ao do homem, pois hardware pode cumprir essa função.

“O funcionalismo pretendia ser uma teoria completa e abrangente, que explicasse não só das atividades mentais humanas como também as desenvolvidas por sistemas artificiais. Os funcionalistas sustentavam que o mental é o resultado da capacidade de um organismo ou sistema realizar certas funções. Nosso cérebro é um sistema que pode realizar algumas atividades que produzem aquilo que chamamos de mente, mas um outro sistema, como por exemplo um computador, construído com materiais inteiramente distintos, como silício e cobre, será capaz de produzir atividade mental se ele puder desempenhar as mesmas funções realizadas pelo cérebro humano. Pensar é desempenhar um conjunto de funções que frequentemente levam à produção daquilo que chamamos de comportamento inteligente. Vemos por aí o quanto os funcionalistas

¹⁰ CRC, Filosofia da Mente, U1 - René Descartes e Seus Críticos: Um Debate Acerca da Natureza da Mente, pg. 44

estavam influenciados pela concepção de pensamento defendida por Turing!”¹¹

Alan Turing (1912/1954) propõe que se uma máquina apresentar um comportamento exatamente igual ao de um ser humano, não há por que não atribuir a ela pensamentos e estados mentais. Das ideias de Putnam e Turing vão se formando as primeiras iniciativas da Inteligência Artificial. “[...] *tanto os seres humanos quanto as máquinas poderiam ser capazes de realizar os mesmos tipos de programa*”.¹²

Ainda que pela teoria de Putnam as duas formas de pensamento possam indicar um dualismo, em Descartes isso ocorre diferentemente porque o filósofo racionalista uma explicação mecanicista da mente, como querem os funcionalistas num dualismo de propriedade e não de substância como o cartesiano. Para Descartes, a mente é livre e não regida por leis mecânicas como pensam os funcionalistas, portanto o dualismo de propriedade não tem nada a ver com o dualismo de substância cartesiano.

John Searle (1932) é um filósofo analítico, escritor estadunidense interessado no naturalismo biológico, protagonizando que o estudo da mente não deve somente ser abordado pelas correntes materialistas e nem com as propostas da ciência cognitiva (funcionalismo e IA).

A partir do século XX a abordagem sobre o estudo da mente toma outro rumo com o livro de Gilbert Ryle – *The Concept of Mind* – no sentido de se saber qual a natureza da mente e a questões ligadas a ela. Entretanto, nenhuma resposta concreta se obteve até os nossos dias e evidenciou-se a necessidade de uma ação interdisciplinar, num intercâmbio de ideias para melhor se discutir a filosofia analítica da mente. Mas essa discussão já tinha sido iniciada por Descartes, como dissemos anteriormente, a separação radical entre mente e corpo. Isso provocou no mundo acadêmico questões como identidade pessoal, relação entre mente e corpo, existências de outras mentes mecanicistas materialistas e todo um ceticismo quanto a essas ideias.

Searle apresenta um caminho para a questão mente e corpo que não segue os passos dos filósofos materialistas das ciências cognitivas, pois estes não levam em

¹¹ TEIXEIRA, J. F. O que é Filosofia da Mente. 2.ed. Porto Alegre: Editora Fi, 2016, pg. 31 <Disponível em: https://www.editorafi.org/files/ugd/48d206_7b9daa43eaf0484fa9566829c55dac91.pdf> acesso em 18/09/2022

¹² CRC, Filosofia da Mente, U1 - René Descartes e Seus Críticos: Um Debate Acerca da Natureza da Mente, pg. 47

consideração a consciência e a intencionalidade que são fenômenos mentais. Sua oposição seria se deve ao fato que essas correes filosófica citadas acima não dão relevância ao aspecto de que a mente existe na realidade e é um fato.

Embora, Searle se diga fisicalista e não nega a realidade composta de partículas físicas e campos de força, como então explicar a consciência, a intencionalidade dos seres livres e racionais. A mente deveria ser investigada no seu aspecto subjetivo e intencional, colocando-se num materialismo moderado, partindo para um conceito mais ontológico subjetivo da mente.

“Como, por exemplo, pode ser possível que o Mundo contenha apenas partículas físicas inconscientes e, no entanto, que contenha também consciência? Como pode o Universo mecânico conter seres humanos intencionalistas – isto é, seres humanos que podem representar o Mundo para si mesmos?”¹³

Todavia, para Searle podemos ser dualistas ou monistas, optando pelo dualismo de propriedade ou reducionismo se formos monistas. Se escolhermos o dualismo cartesiano de substâncias, então é preciso explicar a relação entre corpo e mente.

“[...] os fenômenos mentais são causados por processos neurofisiológicos no cérebro, e são, eles próprios, características do cérebro. Para distinguir esta concepção das muitas outras existentes neste campo, chamamos de "naturalismo biológico". Os processos e fatos mentais fazem parte da nossa história natural biológica tanto quanto a digestão, a mitose, a meiose ou a secreção enzimática.”¹⁴

O problema relação mente/corpo é fundamental na filosofia searlina, sendo os demais resolvidos se a primeira questão for solucionada. Para ele, essa discussão ainda não foi solucionada e é de fácil solução, devido a equívocos de linguagem, ou seja, ainda se emprega o vocabulário cartesiano para um problema que ainda persiste na contemporaneidade. É necessária uma atualização dos termos.

¹³ CRC, Filosofia da Mente, U1 - René Descartes e Seus Críticos: Um Debate Acerca da Natureza da Mente, pg. 50

¹⁴ CRC, Filosofia da Mente, U1 - René Descartes e Seus Críticos: Um Debate Acerca da Natureza da Mente, pg. 51

“Outra questão é que, por mais que Searle se esforce em se afastar do ranço cartesiano, para alguns autores o naturalismo biológico incorreria num tipo de dualismo de propriedades, visto que propriedades físico-cerebrais causariam algo não físico (mente). Ou seja, para tais autores ainda estaríamos numa distinção mente-corpo ou, no mínimo, entre subjetividade e objetividade, recaindo naquilo que o próprio Searle ¹⁵chamou de linguagem cartesiana inadequada.”

Concluindo, o problema mente/corpo persiste e será muito difícil, senão impossível, de resolvê-lo se não admitirmos a existência do espírito, da consciência. A matéria não faz juízos, não ama, não odeia, não pondera e não traz soluções inteligentes. O dualismo de substâncias é mais confortável, embora não solucione a relação entre mente e cérebro uma vez que são irreduzíveis. Ainda se farão muitas teorias para se chegar a uma solução satisfatória e aceita pela maioria. A contribuição cartesiana é importante porque trouxe para a contemporaneidade reflexões importantes para estudarmos e compreendermos em que consiste o homem, qual a sua constituição física e metafísica.

O QUE DIZ A DOCTRINA ESPÍRITA SOBRE O MONISMO E DUALISMO.

Primeiro temos que conceituar o que é Monismo: é a crença de que tudo se origina de uma única substância tanto material quanto espiritual, ou uma ou outra.

No **monismo espiritualista** a origem de tudo é o espírito. Baruch Espinosa um entre tantos filósofos monistas, é adepto deste conceito, pois para ele Deus, *Natura Naturans*, é a origem de tudo o que existe – “*Tudo o que existe, existe em Deus, e sem Deus, nada pode existir nem ser*”

¹⁵ UZAI, P.J., A relação entre mente e corpo de John Searle, disponível em < chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcglclefindmkaj/https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/143454/uzaijunior_p_me_mar.pdf?sequence=3&isAllowed=y > acesso em 18/09/2022

concebido.”¹⁶(...) “*Além de Deus, não pode existir nem ser concebida nenhuma outra substância.*”¹⁷ Para Espinosa, entretanto, matéria e espírito são propriedades de Deus que unidos dão origem ao modo de ser ou manifestações divinas que é a natureza, o universo (*natura naturata*). Assim, se deduz que tudo o que existe são Deus e o Universo.

Para os filósofos da mente **monistas materialistas**, tudo o que existe tem como origem a matéria. A mente é efeito do cérebro, uma visão reducionista da realidade, segundo a doutrina espírita, uma vez que a matéria, como a conhecemos, é inerte, não se move sem a ação de um agente inteligente.

Dualismo: é uma concepção filosófica ou teológica do mundo baseada na presença de dois princípios ou duas substâncias ou duas realidades opostas, irreduzíveis entre si e incapazes de uma síntese final ou de recíproca subordinação. No Espiritismo, existem dois elementos gerais do Universo: a matéria e o espírito (LE27) e acima de ambos Deus, o Criador, Inteligência Suprema, causa primária de todas as coisas.

O filósofo Descartes trouxe essa ideia dualística para a ciência do século XVI-XVII, afirmando que o homem era constituído de corpo e mente. Isso arrefeceu a discussão sobre matéria e espírito que já havia sido colocada por Platão, pois não se sabia e ainda não se tem uma resposta unívoca sobre como a matéria pode interagir com o espírito se ambos são independentes e irreduzíveis entre si. Todavia, na doutrina espírita a comunicação se dá através do peispírito.

Na pergunta 22a do O Livro dos Espíritos, é dito que a matéria é o liame que escraviza o corpo (Platão dizia que o corpo era a prisão do espírito); é o instrumento que ele usa e sobre o qual, ao mesmo tempo, exerce sua função. O espírito, princípio inteligente do universo, necessita da matéria

¹⁶ ESPINOSA, B., *Ética*, primeira parte, Deus, proposição 15, pg 31

¹⁷ Idem proposição 14, pg. 29

para se manifestar. No entanto, em nossa condição de evolução não podemos imaginar/perceber o espírito sem a matéria, pois sabemos que um não depende o outro para existir (LE 25, 25a), são distintos, mas é necessária a união do espírito com a matéria para dar inteligência a esta.

Os cientistas da filosofia da mente acreditam que a mente é efeito do cérebro ou do organismo biológico tal como o fígado que produz a bÍlis. Sem dúvida a filosofia da mente contribui muito para o conhecimento material do cérebro e suas reações físico-biológica-química, mas é insuficiente quanto ao processo racional, mental, sentimental e decisório. Não há perspectiva de uma vida após a morte.

Fazendo uma síntese, a filosofia espÍrita toma o conceito cartesiano e o espinoziano uma vez que somos matéria e espírito e Deus é imanente em sua criação, isto é, porque **“nele vivemos, e nos movemos, e existimos, como também alguns dos vossos poetas disseram: Pois somos também sua geração.”**¹⁸

MIRIAM ZILLO

Expositora do NEF

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

DESCARTES, R., coleção Os pensadores, vol. I e II, Editora Nova Cultural, Ed. 3, 1973, São Paulo

LEOPOLDO E SILVA, F., Descartes, a metafísica da modernidade, Coleção Logos, Ed. Moderna, 5º edição, 1993, pg. 55

MORACA, R. J. Filosofia da Mente. Batatais: Claretiano, 2013. Introdução e Abordagem Geral, p. 7-33. (Caderno de Referência de Conteúdo)

¹⁸ Atos 17:28-30

MORACA, R. J. Filosofia da Mente. Batatais: Claretiano, 2013. Unidade 1, p. 35-45. (Caderno de Referência de Conteúdo).

MENON, W. Filosofia da Mente. Curitiba: InterSaberes, 2016, p. 21-51. (Biblioteca Virtual Pearson).

O Pensador, Escultura de August Rodin, disponível em < <https://arteartistas.com.br/o-pensador-escultura-de-auguste-rodin/>> acesso em 15/09/2022

TEIXEIRA, J. F. O que é Filosofia da Mente. 2.ed. Porto Alegre: Editora Fi, 2016, p. 15-27. Disponível em: https://www.editorafi.org/files/ugd/48d206_7b9daa43eaf0484fa9566829c55dac91.pdf

YOUTUBE. **Oswaldo Pessoa Jr – Filosofia da Mente.** Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=CHmU7WubhFw>

YOUTUBE. **Problema mente-cérebro: dualismo e fisicalismo** – Prof. Saulo Araújo. TV Nupes. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=scz7kPKr0tk>

YOUTUBE. **Mito 02: O Cérebro produz a mente** – Prof. Alexander Moreira-Almeida. TV Nupes. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=BxetfffMtk4>

YOUTUBE. **Mente como produto da atividade cerebral** – Prof. Oswaldo Pessoa Jr. TV Nupes. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=r6Vd3GzWfwY>

WIKIPEDIA - https://pt.wikipedia.org/wiki/Julien_Offray_de_La_Mettrie> acesso em 18/09/2022